



MANU

PAULI

MODE

DESCO

ALDO

STANCO

RNO E

DIADDO

**MANUAL DO
PAULISTANO
MODERNO E
DESCOLADO**

GUSTAVO PIQUEIRA

Onde morar 17

Aonde ir, o que usar 29

Transe cultura 38

Construa um look jovem 50

Nota introdutória 11

Sofisticado sim,
cafona jamais 57

Criatividade e despojamento
nine to five 66

Engajado! 75

Aproveite a vida 85

São Paulo é legal,
mas Londres é mais 95

Se tudo der errado 102

Se tudo der certo 107

Considerações finais 116

Se ficar na dúvida sobre
o que é dar certo ou errado 113



Nota introdutória

“Se você nunca ouviu falar no Cansei de Ser Sexy, deve ter morado os dois últimos anos em Marte.” Encontrei tal frase enquanto tomava meu café-da-manhã de domingo, folheando sem grande interesse uma dessas revistas semanais. É verdade, pensei. Como pode alguém morar numa cidade tão cosmopolita quanto São Paulo e nunca ter ouvido falar no Cansei de Ser Sexy? A inesperada reflexão varreu meu torpor matinal, e eu rapidamente a reli, desta vez em voz alta. A garota a meu lado, que ainda não me ouvira emitir um som sequer naquela manhã, olhou surpresa. Repeti. Se você nunca ouviu falar no Cansei de Ser Sexy, deve ter morado os dois últimos anos em Marte. Sua expressão manteve-se inalterada, e, passados alguns segundos, limitou-se a dizer: “Se você nunca ouviu falar em quem?”

Vamos lá, pela terceira vez. Se você nunca ouviu falar no Cansei de Ser Sexy, deve ter morado os dois últimos anos em Marte. “Não conheço não.”

Fui imediatamente tomado por um indisfarçável misto de decepção e pena, pois sabia que ela não morava em Marte, mas em Moema. Após refletir por alguns instantes concluí que, mesmo depois de tamanho desgosto, me levantar e ir embora não era a melhor solução. Já havia feito isso mais vezes do que deveria na vida. Hora de mudar a estratégia. Hora de ajudá-la.

Mas espere um pouco. Por que só a ela? Por que não ajudar a todos os que desejaram ser marcianos ao ler aquela nota dominical? Foi então que pensei na confecção deste manual. Rapidamente percebi que, muito além de uma simples boa idéia, sua existência era um gênero de primeira necessidade para o pleno aproveitamento da São Paulo do século XXI.

Meu objetivo é que o resultado final desenhe um retrato fiel desse vibrante e seletivo universo, com dicas essenciais para sua correta decodificação. E, meta principal, veículo pelo qual o leitor estará apto a se tornar, ele próprio, um paulistano moderno e descolado.

Infelizmente, não será tarefa das mais fáceis. Não que tais códigos me sejam desconhecidos. Nem que você, leitor, não possua a capacidade necessária. O problema sou eu. Me conheço. A probabilidade de

que escorregue no meio do caminho é altíssima. Por isso o pedido antecipado de desculpas. Não terá sido por falta de boa vontade. O que talvez me falte seja competência mesmo.

Em primeiro lugar, não sou escritor. Já sei o que está pensando: mais um redator publicitário ou jornalista insatisfeito com o status da atual profissão. Daqueles que têm um blog onde se apresentam, cheios de espírito, como alguém na plena consciência de ter a literatura como destino final. Nada disso. Não sou publicitário nem jornalista. Também não tenho um blog. Mas, antes que se precipite soltando um suspiro de alívio, aviso que sou coisa pior. Designer gráfico. Você sabe, nos dias de hoje ser designer é, ao lado de ser DJ ou chef de cozinha, quase sinônimo de ser equivocado. Nada contra qualquer uma das profissões. Ocorre que as três compartilham da explosiva (e falsa) mistura composta por glamour, dinheiro e despojamento. Prato cheio para idiotas de todos os tipos.

Como se não bastasse ser designer, todos dizem que tenho o péssimo hábito de me desviar do assunto em pauta, seja ele qual for. Meu raciocínio até começa pelo lado certo, mas rapidamente se perde em longas digressões. “Quando eu lhe pergunto se o risoto está bom, não quero saber sobre o vazio da existência”, minha marciana diz com frequência. Se tais digressões ainda fossem interessantes, ainda vá lá. Que nada. Não consigo

ser universal ou genérico e termino sempre por arremessar minhas experiências pessoais sobre tudo e todos. Confesso, por muito tempo acreditei que isso era uma prova irrefutável de meu egocentrismo e pequenez. Por sorte, recentemente encontrei alguns pilares do pensamento humano que fizeram o mesmo, então já não me recrimino tanto. Não que eu espere me tornar pilar de alguma coisa com isto aqui ou com qualquer outra coisa. Longe disso. No fundo sei tratar-se de mera coincidência, mas uso-a a meu favor. Sabe aqueles gordinhos carecas que trabalham com análise de dados? Que se sentem rockstars quando se reúnem todo primeiro domingo do mês, sob a alcunha de Rush Cover, para tocar numa biboca do Bixiga, pouco importando estarem usando a personalidade de outras pessoas para se sentirem bacanas? Pois é, sou eu. Pelo menos assino com meu nome original. (Perdoe o parênteses, mas achei importante deixar claro que o modelito gordinho/careca/fã de Rush foi apenas uma metáfora. Ainda que cheio de limitações, ostento farta cabeleira, mantenho a forma na medida do possível, e o Rush não é exatamente minha banda favorita.) Por fim, assumo ter enorme dificuldade em ser agradável. Até mesmo nas poucas vezes em que tento.

Mantenha-se firme, o pedido de desculpas ainda não acabou. Desculpem-me também pela total ausência de informações técnicas como endereços e

horários. Sei que são parte importante em qualquer manual ou guia, mas falta-me tempo e paciência para a pesquisa. Acredito, no entanto, que um eventual sucesso de vendas pode animar a editora a contratar um profissional dedicado exclusivamente ao levantamento de tais dados a fim de incrementar as próximas edições. De qualquer modo, como sei do caráter predominantemente utilitário da obra, vou me ater somente a relatos verídicos e personagens reais. Não faria sentido se não o fossem. (Ainda bem. Se mesmo com as histórias prontas temo pelo resultado final, imagine se precisasse inventar enredos.)

Caso nada saia como planejei, o eventual sucesso de vendas não se concretize e as novas edições não sejam atualizadas, mesmo assim não gostaria que o que vem a seguir soasse por demais datado. Sei que a velocidade com que tudo surge e desaparece é cada vez maior, e no universo dito antenado esse índice atinge patamares inimagináveis. Logo, quando este livro for lançado, é bem possível que o Cansei de Ser Sexy já não seja cool. Provavelmente até visto como uma banda ridícula. É o ciclo natural. Conto com seu poder de abstração, leitor, para me auxiliar. Tanto este como os outros nomes que apresento a seguir podem — e devem — ser facilmente substituídos pelo hype do momento. Basta esse pequeno esforço de sua parte e o Manual do paulistano moderno e descolado não

perderá seu vigor num futuro próximo.

Somados tantos contras, sei que corro o grande risco de escrever algo com cara daquelas colunas comportamentais de revistas jovens e suas obviedades ditas de forma arrojada. Ou de uma peça de teatro amador e seus diálogos artificiais cheios da pose de que se está dizendo algo importante. Quem sabe até não crio uma fusão dos dois gêneros e estabeleço um novo paradigma para a ruindade de um texto. Não importa. Vou arriscar. Além de realmente acreditar na nobreza da missão, sirvo-me aqui de uma das melhores frases do meu original:

“Conferimos dignidade às nossas tolices quando as imprimimos.”

Onde morar

Sei que deveria ir direto ao assunto, mas acabo de chegar em casa após um feriado em Campos. Um feriado terrível. Não, nada de Campos do Jordão. Campos dos Goytacazes, no estado do Rio. A cidade cuja grande contribuição para o país foi Anthony Garotinho. Convidado para palestrar num encontro de estudantes cariocas de design, não esperava mesmo que fosse a viagem da minha vida. Também não imaginava que seria tão ruim. Pistas não faltaram. Devia ter desconfiado, por exemplo, quando a mocinha da organização me informou não ser possível ir de avião diretamente até lá. Minha única opção era voar até o Rio para então seguir no ônibus da organização do evento. Topei. Para ser sincero, confesso que não sei bem por quê. Mas topei. Os primeiros sinais de arrependimento

surgiram quando soube que a caravana partiria do Leme às oito da manhã. Calculei em retrospectiva todos os translados necessários para chegar a tempo e liguei para meu taxista. Alô. Marco Antônio? Você pode me pegar em casa sábado às cinco da manhã? Combinado. Um abraço.

Sábado às cinco da manhã. Nada que começa assim pode terminar bem, mas vamos em frente. Sacanagem desistir na véspera. Horários pontualmente cumpridos, dez para as oito lá estava eu procurando algum assento vazio (duplo, de preferência) enquanto estudantes animadíssimos gargalhavam e abriam suas cervejas matinais. Sabia que o trajeto até Campos consumiria ainda mais três ou quatro horas de estrada. Exatas sete horas depois, o ônibus finalmente parou em frente ao hotel. Incontáveis escalas em postos de gasolina e hipermercados de Niterói duplicaram a duração da viagem.

Doze horas de viagem. Doze horas de viagem são até suportáveis quando você sai para a sacada e dá de cara com a Place des Vosges. Não com aquele rio barrento que minha janela emoldurava. Para arrematar, completavam a paisagem um pontilhão de ferro e uma larga avenida. Não me recordo de ter visto algo com menos charme. Talvez o hotel não seja bem localizado e a cidade tenha lá seus atrativos, contempORIZAVA meia hora depois, enquanto descia para o lobby (chamar de “lobby”

um corredorzinho escuro com três cadeiras de vime é um pouco de exagero, mas tudo bem). Recuperara uma parcela de ânimo após um demorado banho. Duas das três cadeiras estavam ocupadas por um amigo meu, também convidado, e sua namorada. Nossas palestras seriam apenas no dia seguinte. Vamos fazer alguma coisa, conhecer a cidade. Afinal, é sábado à noite. Dada a incapacidade do staff do hotel (mais um exagero: dois moleques sonolentos) em nos indicar algum lugar para comer, iniciamos o tour pelo McDonald's mesmo. Como estamos em fim de abril, faz ainda muito calor. Por isso, bandejinha na mão, segui sem pestanejar rumo à varanda do segundo andar. Olhei em volta. Todas as cadeiras vazias. Não teria feito diferença. Mesmo se a lanchonete estivesse lotada, minha atenção não se desviaria da grande placa instalada bem ao lado da porta. Com alarde, anunciava: “Esta varanda foi eleita o local mais romântico de Campos”. Não pode ser. A varanda do McDonald's? Levantei-me e fui até o parapeito. Quem sabe não encontro uma linda cachoeira ou o lirismo de um bosque escondido. Nada. A vista era composta por um terreno baldio cercado por seis ou sete outdoors. Em um deles, Garotinho surgia, gorducho e sorridente, como “o maior patrimônio de Campos”. A seu lado, uma clínica odontológica oferecia seus serviços. E assim por diante. Se aquele era o lugar mais romântico de Campos, eu não tinha mais dúvidas. Estava na

cidade mais feia do mundo.

Saciado por Big Macs e batatinhas, meu amigo Bruno informou a próxima parada. Outros colegas nos aguardavam num boliche. Não me incluo entre os aficionados do esporte, mas, após a aterrorizante placa da varanda, o que viesse era lucro. Antes de ir, é claro, tirei uma foto do casal no cenário mais romântico em que eles estariam pelos próximos dias. Chegando ao local, compreendi o porquê de o McDonald's estar vazio. Toda a cidade havia decidido jogar boliche naquela noite. Pelo menos foi a impressão que tive quando me aproximei de um enorme galpão dividido entre centenas de mesas na área próxima à rua e as pistas de boliche propriamente ditas ao fundo. Poucos minutos após sentar para um chope a título de aquecimento à prática esportiva, uma garçonete, espremida no meio de tanta gente, derrubou um copo cheio de Coca-Cola Light em cima de mim. Em cima da única calça que eu levava para todo o feriado. Minha atuação nas pistas também não foi das mais agradáveis. Logo na primeira jogada, soltei a bola de forma desastrada. Ela quicou e passou para a pista vizinha. E não derrubou um único pino. Com contagem eletrônica, não havia como reparar o erro. Eu desperdiçara a jogada. Não a minha. A do infeliz da raia à direita. Talvez ele estivesse liderando a disputa. Quem sabe até quebrando seu recorde pessoal. E eis que surge um idiota, arremessa a bola

direto na canaleta e acrescenta um sonoro zero a seu score. Lentamente virei-me com a intenção de um pedido de desculpas que não chegou a se concretizar, dado que meu sorriso amarelo foi recebido com extrema frieza por três grandalhões mal-encarados. Melhor voltar urgente para o hotel.

Na manhã seguinte, com minha calça sabor Coca-Cola, desci decidido a começar o dia com um café expresso para espantar a má sorte. “Aqui não tem não”, os membros do staff logo avisaram. Então me chame um táxi. Quinze minutos depois, entrei no carro e passei as instruções ao motorista. Qualquer lugar que tenha café expresso, por favor. Sem se impressionar com meus ares cosmopolitas, lançou um rápido olhar de lado, engatou a primeira e seguiu em frente, confiante. Ótimo, pensei. Para minha surpresa, já na segunda esquina entrou em um posto de gasolina. Chamou o frentista. “Você sabe onde eu acho café impresso?”. O frentista não sabia. Fez cara de que nunca tinha ouvido falar nesse tal café impresso. Meu condutor não se abalou. “Te deixo no centro, lá você deve achar. Lá tem tudo.” Na falta de melhores opções, aceitei a sugestão. Engatou novamente a primeira e saiu do posto. No primeiro semáforo, propôs um papo. “Paulista?” Sim, paulista. “Eu sou do Rio.” Ah, do Rio. “Conhece o Rio?” Conheço, conheço. “Eu era bombeiro lá. Vim para cá há seis anos, cobrir as férias do meu cunhado, que tinha um táxi. Aí me

apaixonei pela cidade e acabei ficando.” Mesmo sem obter resposta, prosseguiu. “Sei que você deve estar se perguntando: como é que eu troquei uma cidade tão linda como o Rio por isso aqui? Aconteceu o seguinte: eu sou feio, sabe? Minha mulher também. Também é feia. E Campos é feia, não vou mentir para você. Então tudo se encaixou. Entendeu?” Mal tive tempo de compreender a lógica daquele raciocínio, e ele estacionou seu Santana na entrada de um calçadão. “É aqui. Seis reais.”

Após algumas tentativas, acabei encontrando o café expresso. Ruim de doer, mas expresso. Para meu azar, demorei demais na missão e, quando voltei ao hotel, havia me desencontrado das outras pessoas. Foi assim durante todo o dia. Eu chegava à universidade, eles haviam acabado de sair. Ia para outro lugar, ninguém havia chegado. Lá pelas três da tarde dei-me por vencido. Joguei algumas partidas de sinuca sozinho, assisti televisão, li um pouco, e o tempo acabou passando. À noite, a palestra também não foi grande coisa. Pelo menos partiria no dia seguinte. Desta vez, conforme informação fornecida pela organização, uma van da universidade me levaria ao Santos Dumont. Seis e meia na porta do hotel, com nome e celular do motorista caso ocorresse alguma eventualidade. Postado de frente para o rio barrento, sete e quinze da manhã, vi um Gol caindo aos pedaços estacionar a meu lado. Nem olhei. Estou esperando a van da universidade. O

motorista desceu e se dirigiu a mim. “É você o rapaz que vou levar até o Rio?” Era eu. “Minha mulher vai também. Aproveitamos para fazer algumas compras. Não tem problema, né?” Não, não tem. Me disseram que você viria às seis e meia. Estou tentando ligar nesse número aqui, falaram que era seu celular, mas só cai na caixa postal. “Deixa ver.” Tomou o papel de minha mão e observou com ar grave. “É... é meu número sim”. Fez uma pausa. “Sabe o que é? Eu estava dormindo.” Meu desespero em voltar logo para casa era tão grande que considerei o argumento “estava dormindo” satisfatório e dei a discussão por encerrada. Já na estrada, minha constante reiteração de não ter pressa não o comoveu. Corria feito louco. Confesso que nas duas horas e meia em que me espirei no banco da frente (a mulher dormia esparramada no banco de trás) senti saudades da viagem de ida. Ao chegar, quase beijei o chão do aeroporto, tal qual o falecido papa, tão grande era a sensação de alívio. E olha que não morro de amores pelo Rio de Janeiro.

Mas enfim... sobrevivi. Logo após a hora do almoço entrava aqui em casa, são e salvo. Desfeita a mala, a fim de apagar qualquer vestígio da malfadada aventura, retornei ao hall para recolher o jornal empilhado de três dias. Antes de encaminhá-los à área de serviço, decidi dar uma olhada. Uma matéria chamou-me particularmente a atenção. Um fenômeno urbano acontecia em São Paulo. Jovens

bem-nascidos trocavam o conforto de bairros de elite da capital pela Barra Funda, transformando o até então decadente bairro no hype do momento. Como se não bastasse a total falta de contexto no postulado, já que na realidade tais jovem deveriam morar com os pais na Vila Nova Conceição e se dirigiam à Barra Funda movidos principalmente pelas limitações econômicas impostas a quem decide morar sozinho, a matéria ia além. Dizia que o bairro poderia se tornar o SoHo paulistano. “Aluguéis baratos e boas baladas” eram apresentados como prova. No segundo parágrafo, depoimentos inacreditáveis. Fulano de tal (jovem e “produtor cultural”, lógico) “sempre sonhou morar entre galpões abandonados e uma linha de trem”. Lindo sonho. Um pouco contraditório, o entrevistado emendava um elogio às crianças que brincam nas ruas do bairro. Peraí. Ou galpões abandonados ou crianças jogando bola na calçada. Os dois juntos não ornaram, a não ser que estejamos assistindo ao início de um filme B qualquer sobre gangues rivais e que, em poucos minutos, um carro passará em alta velocidade metralhando aqueles pobres inocentes.

Nada soava natural na matéria. O moço não tinha ido para lá por adorar a mistura esquizofrênica de decadência urbana com pureza infantil. A Barra Funda não vai se tornar o SoHo. O motivo é simples. Esse movimento de jovens descolados empenhados em transormar o bairro não existe. É forçado. Meu

contra-ataque parece não surtir efeito, e o cara dos galpões não desiste. Continua falando bobagens. Quer “trazer mais pessoas para a vizinhança para que o bairro fique parecido com ele”. E as crianças? Já se esqueceu delas? Quando os argumentos racionais são por demais adequados a um modelo ideal — seja ele qual for —, não adianta. É mentira. A Barra Funda só se tornaria o SoHo... (espere um pouco, vou trocar a imagem. É um pouco cafona demais querer “se tornar o SoHo”). A Barra Funda só se tornaria o bairro descrito se esses novos moradores — jovens, urbanos e produtores culturais — possuísem efetivos vínculos afetivos com o lugar. E é impossível criar algum minimamente real quando você mesmo não assume o porquê de morar lá. É matemática. Você gasta tanta energia fazendo pose e inventando histórias que não sobra tempo para qualquer outra atividade. Mesmo convencido de minha opinião, resolvi checar. Liguei para minha mãe. Quando meus pais vieram para São Paulo, no fim dos anos sessenta, moraram alguns anos na Barra Funda. Começaram em um apartamento na Lopes de Oliveira para depois se transferirem a outro, na rua Barra Funda. Foi nesse último que nasci. Perguntei a ela se havia escolhido o bairro por sempre ter sonhado morar entre galpões abandonados e uma linha de trem. Ou se porque lá eu poderia crescer jogando bola na calçada. Sem qualquer hesitação, respondeu que não. Eles se

mudaram para lá porque tinham uma considerável limitação de dinheiro na época e, entre as opções possíveis, o bairro era o que apresentava mais proximidade com o trabalho de ambos, além de uma boa infra-estrutura. Simples. Não teve vergonha nenhuma em me dizer isso. Não havia por que ter. Se temos pouca grana, temos pouca grana. Ninguém morre por causa disso. Não precisa disfarçar como opção de vida ou postura estética. Mas isso foi há mais de trinta anos, você me diz. Pensei a mesma coisa. Por isso também perguntei a ela se o bairro era mais arrumadinho na virada dos setenta. “Não, não. Era bem parecido com o que é hoje”.

26

“Aluguéis baratos e boas baladas” já formaram um binômio aplicado a diversas outras localidades. Há poucos anos dizia-se o mesmo do Centro Velho de São Paulo. Morar no Copan era um heróico ato de resistência à cafonice burguesa. Um atestado de responsabilidade social, evitando fechar os olhos para as reais feições da cidade. Também certificava sofisticação cultural. “Um Niemeyer, cara. Moro num Niemeyer.” E as baladas então? Hotéis decrépitos e prédios abandonados eram “o” lugar para dar uma festa. Passada a novidade, nada mudou. Não houve um renascimento da área. No fundo, apesar do discurso contrário, ninguém realmente queria isso. Só a aparência bastava. Os hotéis continuam decrépitos e os prédios abandonados. O bar do Copan fechou. Daqui a três anos, provavelmente

vou ler alguma matéria sobre a Lapa estar se tornando o SoHo paulistano. Mais três, e será a vez do Bom Retiro. Outros três e ficarei sabendo que é na Bela Vista que as coisas acontecem. Esqueça. Nada vai acontecer.

Não se desespere, contudo. Você não vai precisar chamar o caminhão de mudança a cada três anos para morar no bairro “certo”. Existem opções mais duradouras. Ainda que Jardins, Vila Madalena, Alto de Pinheiros e até mesmo o Itaim possuam — cada um em seu segmento específico — bom valor agregado, nenhuma aposta é tão certa quanto instalar-se em Higienópolis. Desde que, em 1999 ou 2000, a revista britânica Wallpaper deu grande destaque ao bairro em uma de suas edições, hordas modernas têm se deslocado para lá. Se o dinheiro não der, Santa Cecília está valendo. Dica importante, não assumo o “Santa Cecília”. Diga que mora no “Baixo Higienópolis”. Ainda assim não dá para bancar? Bom, a Barra Funda é pertinho também. (Olha só, que coincidência...)

Um casal de publicitários veio em 2001. De tão empolgados com a recente ascensão, só se referiam à nova vizinhança como O Bairro. Isso mesmo, caixa alta. “Estamos caminhando n’O Bairro”. Se você souber qual é a diferença deles para qualquer novo rico do Jardim Anália Franco, me conte, porque eu não sei. Em fins do ano retrasado conheci uma jornalista que morava n’O Bairro fazia

dois anos. Quando soube que éramos vizinhos, logo soltou o clichê: “O legal de Higienópolis é que dá para fazer tudo a pé.” Começamos a namorar, e alguns meses depois, durante um passeio, ela subitamente parou e disse: “Que coisa, não? Então é verdade que dá para fazer tudo a pé...” Não acreditei. Ora, de que adianta você se vangloriar por morar “onde dá para fazer tudo a pé” se você efetivamente não o faz?

Outro grande atrativo d’O Bairro é quantidade de celebridades por quarteirão. Mas preste atenção. Uma coisa é você apontar para o prédio branco na esquina e comentar “O Jô Soares mora aqui”. Outra, bem diferente, é completar com “A Adriane Galisteu também”. Modernos e descolados fingem não se importar com isto. Por isso, o ar blasé e a escolha certa do famoso a ser citado é fundamental, já que boa parte de sua energia deve ser gasta para disfarçar o fato de que você é um deslumbrado. Então nada de instant celebrities ou jogadores de futebol, por favor. Admito, no entanto, nunca ter entendido muito bem o que morar perto do Jô Soares pode acrescentar a alguém. O prédio de um ex-presidente fica a poucos metros do meu e isso nunca fez a menor diferença na minha vida, com exceção do aglomerado de jornalistas que, em dia de eleição, atrapalha o trânsito. Não me imagino mais bacana ou importante. Seria um tanto quanto ridículo, não? Se minha vizinha do terceiro andar é uma idiota (e

de fato é), problema dela. Se o cara do prédio ao lado é ex-presidente, mesma coisa.

“Eu sou feio. Minha mulher é feia. Campos é feia. Por isso me apaixonei pela cidade. Entendeu?”
Acho que agora entendi.